

Andrés F. Alcántara, Torre del Campo, Jaén, 1960, cinco exposições individuais, em Madrid, Paris e Lisboa, vários prémios - I Prémio do Certame Nacional de Escultura C.M., Prémio Nacional de Escultura "Ciudad de Punta Umbría" e Prémio Jacinto Higuera - , consolidam-no como um dos escassos jovens escultores espanhóis com dimensão, particularidade e futuro.



alcántara

um escultor com dimensão

T.P. - Quando percebes-te a ideia da arte?

A.F.A. - Em Granada, nos finais dos anos setenta. Ali apercebi-me de que a obra é pensamento e que sem este não existe arte. De Leo a Schiller, Nietzsche e Espinoza, cujo encontro foi o melhor que me aconteceu até agora, abrindo-me uma porta à fertilidade.

T.P. - Porquê a pedra?

A.F.A. - Comecei talhando madeira; em Granada, fazia máscaras e figuras rituais, no entanto chegou o momento em que a madeira, por ser muito determinante, me limitava. Fui para Madrid e estive a trabalhar a pedra directamente, vários anos, com o meu mestre F. Paul, que me fazia quebrar as peças que terminava, para voltar a fazer outras, num exercício duro e fortalecedor.

T.P. - Quando surgiu a necessidade de fazer a tua obra?

A.F.A. - Na Faculdade de Belas Artes de Madrid, já com uma intensa bagagem técnica, dei-me conta de que tinha que ir mais além. A pedra é uma matéria com milhares de anos, e quando a talhas, estás a desvendar o tempo, procurando-lhe o essencial. Fui seguindo pela disciplina do trabalho e do estudo e cruzei desde o barroquismo inicial até à pureza do plano e à sensualidade da curva.

T.P. - O que procuras na escultura?

A.F.A. - Sentir e exprimir-me. Um confronto com a natureza, que associo à poesia e à solidão; um ideal de luta com a matéria e com a forma.

T.P. - O que é para ti a arte?

A.F.A. - A presença. Sentir-se o elo de uma cadeia. Isso situa-te à margem de muitas coisas e encerra-te num tempo pessoal e histórico, porque inventas formas que vão sobreviver.

T.P. - De onde vens e para onde vais?

A.F.A. - Venho do primitivo e vou para o primitivo. Do que estava antes e construí o que vai perdurar. Do primordial à complexa realidade e daí ao essencial. Sem a magia de surpreender-me não poderia continuar a ser escultor.

T.P. - O que define a escultura?

A.F.A. - A escultura é algo material, que supera o homem e representa os deuses. O fundamental é a ideia transcendente delineada no espaço. Um pouco mais de onde conhecemos, até onde não conhecemos.

T.P. - Como é a vida de um escultor?

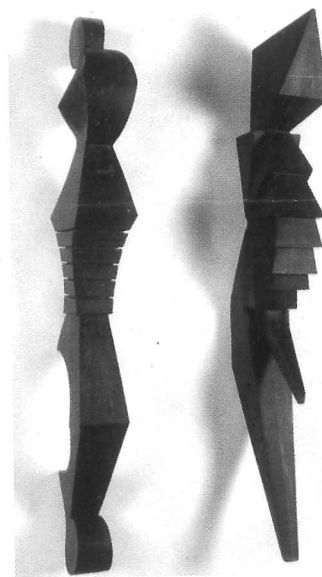
A.F.A. - Um caminho de solidão, uma vida de pensamento e de tentativa de te surpreenderes a ti mesmo. Um retiro para te encontrares, alheio a tudo. Mesmo que faças uma só peça, que dê um passo em frente, já formas parte da cadeia.

T.P. - O que é a magia da arte?

A.F.A. - É dar vida a uma pedra, despertar a natureza adormecida. O grande milagre é o homem, que pode fazer um poema, que é mais alto que uma montanha, ou ter um pensamento que mova a humanidade, como Buda ou Jesus Cristo. Que um poema, uma escultura, uma sinfonia, sejam portentosas em si, essa é a magia, aí está o alento para viver.



Cobra Real, mármore negro 1996



Sem Título, mármore negro 1996

T.P. - Como te defines?

A.F.A. - Como um homem só. Antes pensava que me ajudaria a religião e a filosofia, agora sei que só a escultura me pode ajudar, a renúncia, a dissidência. Motiva-me o facto de que no homem haja um conhecimento que transcende o conhecimento que o homem pode ter de si mesmo.

T.P. - Como vês o panorama actual?

A.F.A. - Mal. Caiu-se na retórica do êxito imediato. Arruinaram-se os ofícios e sacrificaram-se as linguagens. A arte só pode viver da própria arte. Se não partes do pensamento, não vais a nenhuma parte, agora há coisas que se parecem com algo, mas a história encarrega-se de apagar o que não é nada. Está-se a menosprezar a hospitalidade dos poetas, e isso o pagaremos todos.

T.P. - O que representou a tua exposição em Lisboa?

A.F.A. - Uma grande satisfação, pela resposta ao que apresentei. Expor em Portugal, apresentado por um poema de Cesariny é uma honra que agradeço.

(Este é Alcántara, um escultor em constante renúncia, por buscar a essencialidade e identificar o espírito da matéria em formas evocativas, filhas de um cubismo humanizado e de uma magia ancestral.) ■

Tomás Paredes